

# Ser Professor:

## as Concepções dos Professores que Atuam nas Séries Iniciais<sup>1</sup>

Ivania Nogaro<sup>2</sup>  
Nilce Fátima Scheffer<sup>3</sup>  
Arnaldo Nogaro<sup>4</sup>

### Resumo

---

A preocupação com a formação docente é justa à medida que ela é responsável pelo desenvolvimento dos sujeitos em escolarização. Assim, objetivou-se investigar, com professores atuantes no Ensino Fundamental, de uma escola pública e outra particular, que concepções possuem sobre “ser professor”. A coleta de dados ocorreu via entrevista e a análise, a partir de categorias criadas para este fim. Entre os resultados constatou-se que escolheram o magistério nem sempre por opção própria, embora haja os que o fizeram; que há necessidade de gostar do que se faz; que a afetividade e a abertura ao diálogo são fundamentais para o relacionamento professor-aluno e à aprendizagem; e que, embora existam aspectos positivos em ser professor, como o reconhecimento por parte dos alunos e o crescimento pessoal e intelectual, os problemas vividos dentro da profissão geram um desconforto e baixa motivação para o trabalho.

**Palavras-chave:** Concepções. Professor. Formação.

---

<sup>1</sup> Este texto resultou de uma monografia de conclusão do curso de Pós-Graduação em Orientação e Supervisão Escolar na URI – Campus de Erechim.

<sup>2</sup> Pedagoga. Especialista em Orientação Educacional e Supervisão escolar – URI – Campus de Erechim. educacaoinfantil@cesjose.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação Matemática – Unesp/Rio Claro. Professora da URI – Campus de Erechim. snilce@uri.com.br

<sup>4</sup> Mestre em Filosofia e Doutor em Educação – UFRGS. Professor da URI – Campus de Erechim. narnaldo@uri.com.br

**BEING A TEACHER: The Conceptions of the  
Teachers That Work in Initial Grades**

**Abstract**

---

The preoccupation with teacher formation is just in the proportion that it is responsible for the development of the citizen in the educational process. Then, the objective was to investigate, with teachers that work in elementary school, of public and private schools, what conceptions they have about “being a teacher”. The collect of the data by interview and the analysis, from the category created to this purpose. Among the results, it was evidenced that they have chosen the teaching profession, not always for own option, although, there are those that have done it; there is a need to like what they do; the affection and the opening for dialogue are fundamental to the relationship with teacher– pupil and to the learning process; and that, although there are positive aspects in being a teacher, with the recognition by the pupils, the personal and intellectual growth. The problems lived in the profession produce a discomfort and a low motivation for the work.

**Keywords:** Conception. Teacher. Formation.

## Primeiras palavras sobre as concepções dos professores

Nesta construção teórica apresentaremos os dados coletados com sujeitos de uma pesquisa desenvolvida com professores, que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública e uma particular,<sup>5</sup> na qual nosso interesse consistiu em investigar, quais as concepções que estes possuem sobre o “ser professor”, bem como a decorrente análise realizada. Foram entrevistadas quatro professoras<sup>6</sup> de cada escola, totalizando oito respondentes. Empregamos como instrumento para coleta de dados uma entrevista semi-estruturada composta de seis questões provocadoras,<sup>7</sup> das quais surgiram categorias com as quais trabalhamos na seqüência. O modo como as professoras das séries iniciais enxergam a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem. Quando não julgam e procuram se aproximar do aluno, acreditam nele, observam seu comportamento e incentivam suas capacidades, ele tem tudo para crescer. “É neste sentido que mulheres e homens interferem no mundo enquanto os outros animais apenas mexem nele” (Freire, 2000, p. 40).

É de significativa importância ressaltar que todo o trabalho de pesquisa esteve orientado por um corpo teórico-conceitual, responsável por “iluminar” e embasar o paradigma de observação, coleta de dados e de trato das questões propostas. O referencial teórico teve um papel fundamental na for-

---

<sup>5</sup> A escolha de uma escola particular e uma pública foi motivada pelo fato de buscarmos dados de escolas de naturezas, aparentemente distintas e de obter as percepções de professores que atuam em dois espaços diferentes. Não vamos nos preocupar em estabelecer diferenças ou semelhanças entre as mesmas, nosso intuito é trabalharmos com os dados globais.

<sup>6</sup> Todas as entrevistadas foram mulheres. Nas séries iniciais é sabido que há poucos (ou quase nenhum) homens que atuam. Há literaturas que tratam disto e que no decorrer do trabalho vamos abordar, mesmo que de maneira simplificada, como a questão do feminismo, ou seja, do domínio quase absoluto das mulheres no magistério, principalmente nas séries iniciais.

<sup>7</sup> 1. Por que escolheu ser professora? 2. Há quanto tempo atua no magistério? 3. O que significa ser professor para você? 4. Como deve ser a relação professor-aluno? 5. Você acha importante a formação do professor? 6. Aspectos positivos e negativos da profissão docente.

mulação do problema de pesquisa e na estruturação das questões orientadoras. Sabedores de que o cuidado com o referencial teórico mune o estudioso dos elementos necessários à compreensão e interpretação dos dados e que a internalização desse referencial oferece condições para fazermos fluir e interpretar os mesmos, a articulação entre a teoria e a análise do material exigiu-nos retomadas sucessivas com a finalidade de decidir a respeito do que seria relevante e do que extrairmos para responder às questões de pesquisa.

O papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre o conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa. É à abordagem de seu trabalho que se vai dar o crescimento do conhecimento específico sobre o assunto, mas esse trabalho vem carregado e comprometido com todas as peculiaridades do pesquisador, inclusive e principalmente com as suas definições políticas.

Ao discorrer sobre o método empregado pelo pesquisador para desenvolver seu trabalho de pesquisa, Corazza (1996), salienta ser uma das questões que está posta pelas condições históricas de possibilidade dos tempos de agora; não se pode mais ficar trabalhando com um método único, privilegiado por uma única disciplina, nem mesmo com um aglomerado de métodos reunidos sob a forma de um compensado disciplinar, uma vez que a teorização social contemporânea é, sem dúvida, mestiça. A escolha de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivados, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Dentre as diversas categorias de estudo, enquadramos esta pesquisa como exploratório-qualitativa. Nesta abordagem nosso interesse recai sobre as concepções dos docentes, suas compreensões da profissão e como organizam a vida na escola.

A razão de buscarmos respostas a algumas de nossas interrogações junto a professores que atuam nas séries iniciais deu-se por acreditarmos ser de fundamental importância um resgate sobre este tema, pois os professores são pessoas humanas como outras e, somado a isso, está o fato de serem profissio-

nais do ensino. São pessoas que trabalham para o crescimento e a formação de outras pessoas, no caso crianças. É difícil, mas o professor precisa reconciliar-se com sua profissão e buscar uma afirmação pública como uma “comunidade profissional” de fundamental importância para a sociedade. “A reflexão conjunta sobre questões pertinentes à rotina pedagógica tem-se mostrado eficaz, pois, através dela, não achamos culpados, mas sim, caminhos, posturas, ângulos novos de compreensão” (Morés, 2000, p. 57).

No cotidiano escolar encontramos o professor com suas vivências e práticas. Ele enfrenta um combate diário carregado de dificuldades e mazes, ao mesmo tempo que encontra alento nas alegrias e na retribuição dada pelos alunos ao seu trabalho. Este contexto nos remete a vários questionamentos, sobretudo ao que acontece com o professor, com os alunos, com a escola, com os pais, enfim, são inúmeras as questões e para muitas delas não temos respostas.

## **Por que da escolha pelo magistério?**

No momento em que nos propomos a estudar sobre o professor, mais especificamente sobre o “ser professor”, também nos fazemos algumas perguntas: O que significa ser professor hoje? O que os “leigos” pensam de nós professores? O que nós professores, pensamos de nós mesmos? O que nossos alunos pensam? Como este pensar influencia no nosso dia-a-dia? Questionamentos que procuramos traduzir em seis categorias transformadas em perguntas aos sujeitos e que serão analisadas neste artigo.

O primeiro questionamento foi a respeito de sua escolha pelo magistério. Três das respondentes apontam que não escolheram a profissão por opção própria, mas por influência de familiares e até por uma relativa casualidade de fazer o curso e surgir a oportunidade de trabalhar. O exemplo da entrevistada na seqüência mostra bem esta situação.

*A profissão de “professora” não foi uma escolha. Ao terminar a oitava série, minha mãe teve uma conversa comigo e ela sugeriu que cursasse o magistério e após a conclusão do curso quem decidiria se atuaria ou não seria eu. Quando concluí o curso, surgiu um concurso municipal e assim ingressei no magistério (ECPu).<sup>8</sup>*

Quando destacamos que a escolha não foi uma decisão pessoal, referimo-nos ao fato de a opção ter sido influenciada por um familiar próximo, por não haver outra escolha de curso, por ser mais fácil encontrar trabalho. As demais respondentes defenderam a posição de uma opção própria, de uma escolha sua, mesmo que não tão clara num primeiro momento. Há as que desde crianças queriam ser professoras. Outras foram se definindo pelo magistério a partir de situações vividas no cotidiano.

*Por vocação e influência. Desde cedo vivi cercada de parentes próximos ligados ao magistério. E por vocação porque na convivência diária e até nas rodas de família, o assunto era sempre escola; as queixas, os problemas e as dificuldades dos profissionais no ensino, e assim mesmo eu quis exercer esta profissão. Acho que até por desafio (EDPu).*

Há muitos fatores que influenciam na escolha de uma profissão. São aspectos conjugados que perfazem uma imagem da profissão, embora saibamos que, mesmo que não tenhamos muita clareza disso, sempre há um aspecto que pesou mais em nossa decisão. As influências sofridas pelas entrevistadas normalmente vêm de parentes próximos, seja a mãe, tias ou amigos ou até mesmo de ambientes que foram vivenciados. *Tive muita influência do meu pai que me apoiava muito no início do curso (EDP).* A identificação com crianças é outro fator que faz com que as professoras se definam por exercer uma profissão que as deixe em contato com os pequenos.

<sup>8</sup> Para melhor entendimento do texto vamos referir as falas das entrevistadas sempre em itálico, distinguindo assim das citações de teóricos que virão entre aspas ou em separado no texto. Para preservar a identidade dos respondentes substituímos seus nomes por siglas. Codificamos da seguinte forma: E= Entrevistado(a). C= Letra com que identificamos a ordem das falas dos sujeitos. Pu= Para docentes da escola pública e P= Para docentes da escola particular. Exemplos: ECPu, trata-se da terceira (C) entrevistada da escola pública. EDP, trata-se da quarta entrevistada da escola particular.

Mesmo que a pergunta tenha sido orientada para se referir à “profissão” de professor, nas falas das respondentes surge um debate que vem sendo travado há bastante tempo pelos teóricos e que tem tomado várias páginas da literatura sobre formação de professores, que diz respeito à questão de se o magistério é vocação ou profissão. Se o mesmo exige alguns atributos inatos, trazidos na personalidade da pessoa, no seu ser ou não. Para ser professor é possível desenvolver diferentes potencialidades e habilidades, sem “naturalmente” ter “vocação” para isso? Pinto (2000) afirma que a variedade de aspectos que perpassam a profissão docente foge, em muito, ao simplismo de considerar a vocação como principal tendência para a escolha de uma profissão. Este é um tema em aberto, e como tal não poderia passar em branco, ele aparece nas palavras das entrevistadas. *Por vocação e influência* (EDPu). *Escolhi a profissão de professor porque sempre desejei trabalhar com crianças, mais especificamente com educação infantil. É onde podemos observar o crescimento diário das pessoas* (EAPu).

Segundo Arroyo (2000), vocação e profissão nos situam em campos semânticos tão próximos das representações sociais que foram configurados culturalmente. São difíceis de apagar no imaginário social e pessoal sobre o ser professor, educador, docente. Isto porque o professor abraça doutrinas, modos de vida, ideais, amor, dedicação.

## Tempo de atuação no magistério

A segunda pergunta referia-se ao tempo de exercício de magistério por parte dos sujeitos.<sup>9</sup> Das professoras pesquisadas, nenhuma possui menos de cinco anos de exercício. Três têm de 5 a 10 anos, uma de 10 a 15 anos, três de 15 a 20 anos e uma tem mais de 20 anos de atuação no magistério.

<sup>9</sup> Para melhor analisar os dados dividimos os períodos de 0 a 5 anos, de 5 a 10 anos, de 10 a 15 anos, de 15 a 20 anos e mais de 20 anos.

Tabela 1: Tempo de magistério das entrevistadas

<b>Tempo de Magistério</b>	<b>Nº de Professores</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
0– 5 anos	0	0 %
5-10 anos	3	38 %
10– 15 anos	1	12 %
15 – 20 anos	3	38 %
Mais de 20 anos	1	12 %

*Fonte: Nogaro, 2006*

É possível concluir que as entrevistadas possuem um relativo tempo de magistério, não são iniciantes, têm boa experiência, o que significa que podem falar com segurança e conhecimento de causa das questões relativas ao ser professor, o que nos possibilita uma confiabilidade maior nas suas falas. Isto é, são pessoas que conhecem o que ocorre nas escolas, os processos lá vividos e sua relação com a pessoa do professor e a estrutura da escola.

Saber o que desejamos ser, muitas vezes, é menos complicado do que o caminho e as condições para alcançarmos o que queremos. Seja qual for a profissão que desejamos escolher, sempre trará um relativo grau de ansiedade, pois estamos escolhendo a nós e a nossas circunstâncias. A liberdade de poder escolher traz consigo a responsabilidade da escolha, dos acertos e dos erros e com eles a nossa realização ou frustração. “Escolher a profissão de professor não é escolher uma profissão qualquer” (Gadotti, 2003, p. 21). Para este autor, estamos diante de uma profissão de grande alcance e de importância estratégica. O ofício da docência não é específico, pois precisa lutar contra a exclusão social, ser animador de grupos, organizar o trabalho e a aprendizagem e exercer a liderança no seu grupo e na sua comunidade.

Só o fato de ser professor ou tornar-se um não garante que sua importância seja naturalmente estratégica ou dê beleza a sua “missão”.

*Rigorosamente, a importância de nossas tarefas tem que ver com a seriedade com que levamos a cabo, com o respeito que temos ao executá-las, com a lealdade ao sonho que elas encarnam. Tem que ver com o sentido ético de que as tarefas devem “molhar-se” com a competência com que as desempenhamos, com o equilíbrio emocional com que as efetivamos e com o brio com que por elas brigamos (Freire, 2000, p. 50).*

Dar beleza a sua missão subentende comprometimento e vontade para intervir de forma que o estudante desenvolva suas capacidades de receber e integrar informações e também produzi-las, pois assim o trabalho do professor passa a ser diferenciado e se reveste dos atributos referidos anteriormente, quando há um esforço e um empenho, em primeiro plano, já no curso de formação, municiando-se dos ferramentais necessários ao exercício profissional, após nos objetivos que ele se propõe, na forma como planeja suas ações e as executa, nas concepções que vai construindo pelas experiências que vai vivenciando. “O magistério é uma referência onde se cruzam muitas histórias de vidas tão diversas e tão próximas” (Arroyo, 2000, p. 14). Em resumo, o professor que cada um de nós deseja ser precisa ser construído a cada momento de nossas vidas; é um processo inacabado como inacabados somos nós como seres humanos.

A vida dos professores é bem complexa. Os dilemas fazem parte do cotidiano nas salas de aula e se transformam em desafios para a profissão. O tempo vai passando e percebemos que nem sempre a experiência resolve todos os problemas. É aí que ocorre a dinâmica da sala de aula, o envolvimento e comprometimento de cada um, independentemente do tempo de exercício em sala de aula.

## **Significado da profissão de professor**

A pergunta foi direcionada com a intenção de analisar a questão da profissionalização do professor, de querer entender como os professores enxergam seu trabalho e como vêem a si enquanto categoria. Partimos do pressuposto de que o magistério é uma “profissão” e enquanto tal

*[...] não é outra coisa senão um grupo de trabalhadores que consegue controlar (mais ou menos completamente, mas nunca totalmente) seu próprio campo de trabalho e o acesso a ele através de formação superior, e que possui uma certa autoridade sobre a execução de suas tarefas e os conhecimentos necessários à sua realização. Ora, esse poder das profissões não flutua no vazio, mas está enraizado, ao contrário, numa organização de trabalho que possui diversos grupos e subgrupos detentores de poder (Tardif; Lessard, 2005, p. 27-28).*

Palavras como compromisso, responsabilidade, desafio, parecem definir o como as entrevistadas vêem a profissão de professora, o que nos leva a pensar que as mesmas possuem bastante lucidez das incumbências que a tarefa que desenvolvem lhes exige. *É um grande desafio, uma grande responsabilidade porque trabalhamos com seres humanos que dependem muito de nós, pois somos exemplos a serem seguidos (EBPu).*

Sem dúvida ser professor hoje é muito diferente de outras épocas, por tudo aquilo que vivenciamos em termos de avanço no conhecimento, nas tecnologias da informação, na maneira como as pessoas se relacionam, na forma como os filhos são educados, no modo como as famílias são estruturadas, enfim, um tempo diferente com suas especificidades. As professoras entrevistadas sentem isso, vivenciam essa realidade. Teóricos como Gadotti têm concentrado suas reflexões sobre esse novo contexto:

*Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas (2003, p. 17).*

Tardif e Lessard (2005) afirmam que o trabalho docente não consiste apenas em cumprir ou executar, mas é também a atividade de pessoas que não podem trabalhar sem dar um sentido ao que fazem, é uma interação com outras pessoas: os alunos, os colegas, os pais, os dirigentes da escola, etc.

As professoras também esclarecem que além das responsabilidades anteriormente citadas, o professor precisa estar em permanente processo de aprendizagem, de busca, aperfeiçoamento, pois trabalha com seres humanos que precisam muito dele, esperam muito da ação do professor e este precisa estar ciente de seu papel para que surta efeito positivo.

*É uma questão muito complexa. É ensinar e aprender, compartilhar idéias, partilhar sentimentos, viver e conviver num ambiente, na medida do possível criativo, proporcionando momentos de construção/reconstrução de conceitos e conhecimentos (EBP).*

Ao analisar as respostas dadas sobre o que significa ser professor percebemos que aparece a idéia de que ser professor é muito mais do que ensinar, transmitir conteúdos. Esta concepção revela que há uma compreensão e uma visão que vão além da mentalidade instrumentalista.

*Ser professora significa ajudar, poder ensinar e também aprender com os estudantes. Entrar no mundo deles e acrescentar valores e conhecimentos para a formação integral, cuidando sempre que todos assimilem e utilizem os conhecimentos no dia-a-dia deles (ECP).*

Associada à idéia de como ser professor, ou de sua atuação, os sujeitos expressaram, por adjetivos, formas ou atributos que definiriam como o professor ideal deve ser. Em tese, podemos afirmar que os professores sabem bem como devem ser e atuar, o que fica em aberto é a transposição destas concepções para a prática do cotidiano. A fala a seguir ilustra o que afirmamos:

*É dar significado àquilo que faz, é ser tolerante, ter respeito pela diversidade, vivenciar o trabalho com empenho e dedicação. É buscar, refletir, empenhar-se e acima de tudo, comprometer-se. Ter responsabilidade, especialmente por estarmos trabalhando com crianças. É um desafio constante (EDP).*

Quando alguém se sente responsável pelas novas gerações está estendendo sua responsabilidade ao futuro, ao que será cada aluno que passar pela sua sala de aula e pelas “suas” mãos. *É um grande compromisso com o futuro*

da sociedade (ECPu). A ampliação de conceitos e práticas incorpora não só o compromisso social, mas também a importância de competências e técnicas de ensino, que são parte desse compromisso. Precisamos saber como, por quê, para quê e para quem ensinar.

## Relação professor-aluno

O ser humano vive e interage com outros sujeitos e com o mundo.<sup>10</sup> Baseando-nos neste princípio perguntamos aos professores sobre como acreditam que deveriam ser as relações entre professor e aluno. Para a maioria dos respondentes as relações deveriam ser de respeito, positivas, de afetividade. Para eles, sem um bom relacionamento, o processo pedagógico fica interrompido, a aprendizagem resta dificultada.

*A relação professor-aluno é essencial para que a aprendizagem ocorra de forma tranqüila e prazerosa. Deve ser uma relação de respeito, tranqüilidade, onde a afetividade esteja presente, pois sem envolvimento, sem que haja esta empatia, certamente haverá conflitos. Isto não significa ausência de limites, pelo contrário, valores e limites são pontos norteadores nesta relação e na aprendizagem (EDP).*

No entendimento de Tardif e Lessard (2005), a escolarização repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola não é nada mais que uma imensa concha vazia. Essas interações, contudo, não ocorrem de qualquer forma: ao contrário, elas formam raízes e se estruturam no âmbito do processo de trabalho escolar e, principalmente, do trabalho dos professores sobre e com os alunos.

Como os professores possuem uma boa experiência e conhecem bem a rotina do dia-a-dia, sabem que os conflitos são inevitáveis, porém é preciso ter a capacidade para superá-los os mesmos em busca de um interesse maior.

<sup>10</sup> Esta concepção em relação ao homem vem influenciada, de maneira especial, pelo pensamento de Paulo Freire, embora o horizonte filosófico mais profundo seja do pensamento existencialista.

*Deve ser uma relação harmônica com respeito e afetividade de ambas as partes. Deve ser uma relação com responsabilidade, amizade, parceria, companheirismo, otimismo, esperança, sempre levando em consideração a bagagem cultural do aluno, respeitando as diferenças e os valores morais (EBPu).*

O pensamento expresso anteriormente, mostra que só com uma nova mentalidade, ou uma postura mais flexível e dinâmica é possível superar os conflitos do dia-a-dia. De acordo com Gadotti, o professor deste século precisa adotar novos jeitos de ser e de agir. “[...] não pode ser um mero executor do currículo oficial e a educação já não é mais propriedade da escola, mas de toda a comunidade. O professor, a professora precisam assumir uma postura mais relacional, dialógica, cultural, contextual e comunitária” (2003, p. 25).

A superação dos impasses e a convivência harmoniosa com o aluno precisa ser estimulada pelo ambiente escolar e principalmente pelo professor. Três dos respondentes relacionam a afetividade, ou a postura afetiva do professor, como um elemento importante para que o professor acolha o aluno e ele perceba que há alguém que está querendo ajudá-lo, contribuir para o seu crescimento.

*Nas séries iniciais, minha área de atuação, não há como construir a relação professor-aluno sem muita afetividade. Na escola sempre dizemos que trabalhamos “currículo por afetividade” e não currículo por atividade. Trabalhar com adolescentes (Ensino Médio) mostrou-me que mesmo com estudantes maiores a criação deste vínculo é essencial para consolidar a relação professor-aluno (EAP).*

Segundo Almeida (1998), a valorização do afeto não é característica negativa da professora e nem uma fraqueza sua. Quando a professora valoriza a afetividade ela está lançando mão de um atributo importante para mobilizar os sujeitos para a aprendizagem e para o desenvolvimento do trabalho do grupo.

Nas falas dos professores fica evidente que a escola, a sala de aula, precisa ser um espaço de interação, de diálogo, de troca. A confiança mútua se constitui num pilar para que outros sentimentos e valores possam se consoli-

dar. *O aluno precisa ver no professor alguém em quem ele possa confiar e se sentir seguro para aprender. O diálogo é a base dessa relação, caracterizando um processo de troca contínua (EAPu).* A colaboração mútua, a compreensão, a empatia, são todos elementos que devem nortear a relação intersubjetiva que ocorre ente os dois pólos principais da relação pedagógica.

## A importância da formação do professor

Não podíamos nos furtar a um questionamento sobre a formação do professor para entendermos como nossos entrevistados a concebem. Dois adjetivos apareceram repetidamente em quase todas as respostas: fundamental e importante. Os professores interrogados consideram a formação do professor algo central, essencial, vital para o sucesso, para o bom desempenho da profissão. *Não vejo como ser um bom profissional sem uma formação consistente (EDP). A formação do professor é importantíssima para que este possa conduzir suas aulas de forma a contribuir/colaborar para o crescimento/desenvolvimento dos seus aluno.* (EBP).

Os debates em torno do professor giram sob diferentes perspectivas, desde sua origem social até como ocorre sua formação. Ao perguntarmos aos professores sobre a “formação” já delimitamos um corte epistemológico,<sup>11</sup> um ponto de vista para sua análise. Não mencionamos treinamento, adestramento. Referimo-nos à formação, ou seja, a um conjunto de elementos, juízos, habilidades, saberes, que na medida em que alguém possui os mesmos podemos afirmar que está imbuído de uma visão global, mais ampla dos fatos, que supere o pragmatismo do cotidiano, capaz de atingir um conhecimento mais profundo e ser mediador do mesmo junto a outros sujeitos. Concebemos o professor como

<sup>11</sup> Dentro de um universo maior de possibilidades de pesquisa e de conhecimento, delimitamos uma parte que seria objeto de nossa investigação. Retiramos uma “fatia” que seria nossa preocupação de estudo.

*[...] um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta (Tardif, 2002, p. 230).*

Formação, segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (1970), no sentido específico do termo na Filosofia e na Pedagogia, em relação com o vocábulo alemão correspondente (*bildung*), indica o processo de educação ou de civilização que se expressa nas duas significações de cultura, compreendida de um lado como educação e de outro como sistema de valores simbólicos.

Se tomarmos o sentido mais preciso de formação e em relação a ele compararmos o que se tem afirmado e dito como sinônimo de formação, veremos que há um certo vazio de significado. “A formação é definida, em muitos casos, mais pelo que se quer obter do que pelo efeito real que ela exercerá sobre as pessoas que se beneficiam dela” (Zabalza, 2003, p. 38). A formação adquire importância na medida em que esteja vinculada ao crescimento e ao aperfeiçoamento das pessoas, ou seja, “[...] os processos deliberados que visam influenciar, direta ou indiretamente, as pessoas no que tange ao processo de construir a si mesmas” (Idem, p. 39).

Assim como Freire (1996), acreditamos que o ser humano é um ser inacabado, morre sem estar concluso. Como professores somos seres humanos e como tal precisamos estar em constante busca. Nos processos de transformação social e suas aceleradas mudanças, veremos que a atualização, a formação continuada, é quase que um imperativo, algo que está intrínseco ao ser professor, não sendo possível ensinar e ensinar algo novo sem um processo de aprendizagem e aprimoramento permanente. Esta consciência os professores entrevistados possuem e deixam transparecer nas suas respostas.

*Por mais que o professor já tenha conhecimentos, embasamento, teorias, a prática, os cursos, os encontros de formação fazem com que o professor se renove, desadormeça, busque novamente aquilo que estava guardado no esquecimento. São como recargas para o professor (EDPu).*

Afirmamos que o aprender permanente é intrínseco, e que o professor é alguém que tem a tarefa de contribuir com o crescimento e aprimoramento dos outros. Temos, porém, de ter clareza que, se nós não crescermos, teremos dificuldades de contribuir com o crescimento dos outros. Para “fazer” aprender é preciso primeiro saber como aprender, ou seja, viver estes processos.

*O professor pelo título atribuído “professor” deve ter uma boa formação intelectual e diria até psicológica para poder realizar seu trabalho com competência para que não haja frustrações e possa transmitir para o aluno a base necessária para seus estudos (ECPu).*

Nós, professores, passamos por um processo de formação inicial a fim de desenvolver e adquirir as habilidades e competências necessárias ao exercício profissional. Esta pode ser mais ou menos consistente, mais ou menos séria, mais ou menos profunda, mais ou menos comprometida. Por isso é preciso que perguntemos: Quem são as escolas formadoras? Quem forma o formador? Quanto tempo um aluno passa em uma escola de formação para que seja considerado apto ao exercício? Que experiências teórico-práticas vivenciou para transmiti-las a seus alunos? De que referencial teórico tomou conhecimento? Quais os autores que leu? Que estágio realizou? Que contato teve com escolas e ambientes educacionais? O que parece mais oportuno, no entanto, é deixarmos claro que sem uma formação adequada, sólida, comprometida com a futura aprendizagem do aluno, continuaremos repetindo a história de fracasso escolar vivida e comprovada pela história da educação brasileira. E a professora entrevistada (ECP) tem plena ciência disso, quando afirma:

*Acho importante porque ele precisa ter um conjunto de conhecimentos para se tornar um profissional qualificado e ter noção do que ele tem em mãos, pois os estudantes não são brinquedos em suas mãos, devem saber como agir e estar em constante aperfeiçoamento e para isso precisa-se de muito estudo e leituras.*

Lembramos aqui as palavras de Freire (1996) quando este educador alerta que se olharmos para a história da educação no Brasil, veremos que se trata de uma história de deseducação, pela forma como tratamos nossas crianças e jovens ao longo dos tempos.

## Pontos positivos/negativos do ser e do trabalho do professor

Um último questionamento foi feito aos professores: pontos positivos e negativos ao ser e ao trabalho do professor.<sup>12</sup>

Tabela 2: Pontos positivos e negativos do ser e do trabalho do professor

Pontos Positivos	Pontos Negativos
1 Trabalho gratificante	1 Desvalorização
2 Crescimento intelectual	2 Baixa remuneração
3 Reconhecimento das crianças	3 Acomodação
4 Interação professor-aluno	4 Falta de gratidão dos pais
5 Convivência com seres humanos	5 Excesso de trabalho

Fonte: Nogaro, 2006

Como podemos observar, o item que aparece com maior incidência,<sup>13</sup> nos aspectos positivos, é a gratificação que o trabalho traz. Ao analisarmos o quadro, nos itens referentes aos aspectos negativos, vamos encontrar a desvalorização como o elemento que mais pesa negativamente na imagem do pro-

<sup>12</sup> Apresentamos um quadro no qual aparecem as idéias de maior incidência, para uma posterior análise das mesmas. Situamos as idéias em ordem decrescente, ou seja, das que se repetem mais para as que aparecem menos.

<sup>13</sup> Consideramos para elaborar o quadro apresentado as respostas que aparecem em maior número, ou seja, aquelas que se repetem mais vezes nas falas dos professores entrevistados. As respostas de maior incidência são apresentadas com o número 1 e em seqüência, 2, 3, ...

fessor. Haveria uma contradição nas respostas? Não necessariamente, mas procuremos compreender melhor. A desvalorização é apontada como decorrente do não reconhecimento da sociedade, como um todo, do trabalho do professor. Ele como sujeito sente-se gratificado ao atingir os objetivos, mas tem a plena consciência de que esse fator não é suficiente para mudar a mentalidade social a seu respeito, então se sente desvalorizado. Poderíamos ressaltar que a gratificação fica ofuscada, pois o peso da sua imagem pública é grande e ele acaba vivendo e trabalhando em meio a este conflito.

Se fizermos um passeio pela história da educação brasileira e, mais especificamente, pela situação vivida pelos professores desde os primórdios, veremos que esta forma de avaliar o professor vem de longa data. “O brasileiro desvaloriza o professor. É o que se poderia deduzir de um dito que se tornou popular nas últimas décadas no Brasil: “quem sabe faz, quem não sabe ensina”. É sinistro. Essa destruição da imagem do professor custará muito caro[...]” (Gadotti, 2003, p. 12-13). Há, entre outras, uma explicação para o fato do trabalho do professor, da professora, ser desvalorizado: ser um trabalho realizado, quase que na sua totalidade, por mulheres. Isto é evidenciado por Almeida quando afirma que o trabalho feminino,

*[...] historicamente, tem sofrido pressões e tentativas de controle ideológico e econômico por parte do elemento masculino e das instâncias sociais, como o têm apontado os pesquisadores e, principalmente, pesquisadoras de vários países. [...] Além disso, não há como negar que os setores ocupacionais com os menores salários são e sempre foram ocupados por mulheres, nos mais diversos países (1998, p. 63).*

Atualmente temos plena consciência, pela dinâmica do mundo moderno e pelos espaços cada vez mais ocupados pelo sexo feminino, que ser uma profissão de mulheres não significa que o trabalho é inferior ou de menor importância. Segundo Gadotti (2003), representa uma grande força numa época em que a mulher está exercendo um papel cada vez mais protagonista, inserindo-se cada vez mais na vida social, política e econômica das sociedades mais avançadas.

O trabalho do professor, pela sua especificidade, é complexo, enfrenta situações que outras profissões não vivenciam. Precisa atender à individualidade concomitantemente com o coletivo. Está perpassado pela humanização e deve, a cada instante, afastar a perspectiva da instrumentalização.

*Por lidar com seres humanos, diferentemente do trabalho industrial, a docência é um trabalho marcado pela questão da visibilidade. O professor é visto e olhado pelo seu objeto de trabalho. [...] Tal relação não pode se reduzir ao vínculo instrumental do sujeito humano com seu objeto material, vínculo concebido exclusivamente em termos de domínio do sujeito sobre o objeto. Um professor não trabalha sobre os alunos, mas com e para os alunos, e precisa preocupar-se com eles (Tardif; Lessard, 2005, p. 70).*

A valorização de uma profissão não está relacionada somente àquilo que os outros, ou a sociedade em que está inserida, pensa ou atribui a ela. A imagem de uma profissão vem muito daquilo que seus membros são, do que fazem, da exteriorização de seus valores. Afirmar, portanto, que não somos valorizados é não fechar os olhos ao que está ocorrendo, mas precisamos aproveitar esta percepção para fazermos uma análise, uma reflexão e tomarmos decisões sobre nós, como categoria, sobre o como somos e como nos vemos.

*Nos últimos anos, temos observado que o professor tem sido um dos principais difusores da imagem que, em última análise, tornou-se a imagem da pobreza. O que nos chama atenção é que mesmo docentes que não recebem baixos salários e não convivem com dificuldades econômicas parecem tê-la assumido de um modo tão intenso que, por vezes, chegamos a desconfiar da existência de um número significativo de integrantes da categoria que faz questão de apresentar-se desse modo e manter esse tipo de imagem (Ferreira, 2003, p. 113).*

Que visão sobre nós estamos oportunizando às pessoas? Que imagem gostaríamos que a sociedade fizesse de nós? A superação da concepção do professor como “coitado”, “pobrezinho”, “inferior”, é fundamental para estabelecermos um patamar positivo de referência sobre nossa profissão, recuperando a auto-estima. Há que se fazer um esforço coletivo para instaurar mu-

danças no modo como a sociedade e o magistério vêm abordando este tema. E isto será alcançado quando as pessoas que optarem pelo magistério o fizerem por livre escolha, as políticas públicas de valorização da profissão (salário, qualificação, condições de trabalho) forem efetivas e sentirem que ser professor vale a pena, com auto-estima elevada e orgulhosos de seu papel humano e social.

Analisando as outras idéias que aparecem no quadro dos itens positivos é possível perceber que o crescimento intelectual, o reconhecimento das crianças, a interação professor-aluno e a convivência com seres humanos parecem denotar e se constituir no suporte para o trabalho do professor.

Já os elementos de ordem negativa, como baixa remuneração, acomodação, falta de gratidão dos pais e excesso de trabalho se constituem em pontos que põem em xeque a jornada do professor. Parece-nos que estes elementos, tanto os de ordem positiva quanto os de ordem negativa merecem uma análise mais detalhada e pontuada, para a qual convidamos os professores, teóricos e estudiosos a se engajarem.

Cotidianamente ouvimos os professores fazerem menção, “reclamar” da sobrecarga de trabalho. Quando estão na escola, passam o tempo todo em função de seus alunos, em reuniões, planejando atividades; quando vão para suas casas carregam consigo as obrigações da correção dos cadernos, dos trabalhos avaliativos, de pensarem atividades para o dia seguinte.

O trabalho investido fora do horário que o professor cumpre na escola é analisado por Dreber et al (1982, apud Tardif, 2002), que o considera essencialmente um trabalho mental (*labor mental*), próprio de grupos que usam de saberes e processos cognitivos, o que leva o trabalhador a viver uma carga de trabalho a partir de seu próprio interior. O professor não consegue deixar uma mente no trabalho e levar outra para casa, ele só possui uma, portanto não tem como separá-la, e então carrega o trabalho consigo. O professor não se “desliga” nunca do trabalho. Além disso, deve-se levar em conta que as condições de trabalho variam muito de escola para escola, de série para série e de acordo com a maior ou menor preocupação que o professor tem com seus alunos. Há

sim, muitas vezes, uma espécie de “rotina de reclamação”, por parte de muitos professores que reclamam do trabalho como uma espécie de defesa para que não o incumbam de mais nada, pois cumprem exata e unicamente o que é previsto pelas normas oficiais da organização escolar. Essa constatação não nos impede de afirmar que, de modo geral, o professor é um profissional “sobrecarregado”, com pouco tempo para suas reflexões.

Os fatores que determinam a carga excessiva de trabalho do professor advêm de diferentes fatores. Segundo Tardif e Lessard (2005), esta pode ser determinada por fatores materiais e ambientais, como a natureza dos lugares de trabalho e os recursos materiais disponíveis; a localização da escola, o tamanho das turmas e a diversidade das clientela; o número de matérias a ministrar e o vínculo empregatício; exigências formais ou burocráticas para cumprir; o tempo de docência do professor e sua experiência, entre outros. Estes atuam sobre o professor, não isoladamente, mas como um corpo de exigências que fazem com que ele se sinta sufocado. “Eles também atuam em sinergia, para criar uma carga de trabalho complexa, variada e portadora de tensões diversas” (Tardif; Lessard, 2005, p. 114).

O resultado desta complexa trama que envolve o dia-a-dia do professor leva ao estresse pessoal e profissional, ao cansaço e indisposição em relação ao trabalho e também a uma descrença sobre suas próprias capacidades e no resultado de seu trabalho. Na ótica de Demo, o resgate da função do professor que atua na educação básica é estratégico, pois ele está muito próximo da cidadania popular. “Este professor tem em suas mãos a instrumentação mais sensível de mudança, se souber trabalhar bem o lado disruptivo do conhecimento. Sua missão de inventar um povo que saiba pensar” (2004, p. 89). Por parte dos poderes constituídos não há uma preocupação com o “ser humano professor”. Dele se tem exigido tudo e um pouco mais, sem se perguntar pelas suas possibilidades de responder a essas exigências. Alves (2003) afirma que ninguém se preocupa com o tipo de preparo que tem e de que recursos efetivos dispõe para levar adiante os múltiplos processos dentro da escola. Não se considera o que ele sabe, em que ele acredita, entendendo-se que assumirá, sem resistência, o que os outros pensaram e querem que execute.

## Considerações Finais

Desenvolvemos nossa reflexão sobre como os professores se vêem, como percebem o trabalho dos colegas, como sentem a relação com os pais. A partir disso foi possível observar que os docentes possuem clareza quanto às responsabilidades da profissão docente e da natureza de seu trabalho. Observamos que conseguem visualizar a perspectiva de que seu trabalho vai além do mero “ensinar” e que seu papel deve superar a visão instrumentalista, sentem-se responsáveis não somente pelos seus alunos, mas pela comunidade na qual estão inseridos, com o futuro da sociedade.

Nas falas dos professores aparece com concretude a crença de que a forma como o professor se posiciona na relação com o aluno é determinante para o bom relacionamento entre ambos. Acreditam que as relações devem ser de respeito, de ajuda mútua, de dinamismo, de diálogo, apesar de nem sempre, mesmo agindo assim, seja possível superar os conflitos, uma vez que sabemos que como seres humanos possuímos limitações, vontades variadas, interesses diversos que acabam interferindo nas nossas relações.

Como os professores possuem um relativo tempo de magistério, podem fazer uma avaliação mais criteriosa e segura da cultura profissional que envolve a docência, do ambiente escolar, das necessidades e limites da profissão docente. Suas falas nos permitiram perceber o quanto a formação do professor é importante. Eles consideram-na vital, essencial para enfrentar os dilemas vividos no dia-a-dia. Como seres humanos e profissionais, somos incompletos e estamos constantemente em processo de busca, princípio elementar de sobrevivência na profissão. Trabalhamos em um setor no qual as mudanças são vertiginosas e de alta velocidade; desenvolver a autonomia e a capacidade de aprender é fundamental para exercer uma ocupação em que somos mestres do aprender e do ensinar.

Hoje temos muitas modalidades de formação, em tempos diferentes, o que torna ainda mais difícil fazer uma avaliação adequada sobre a formação oferecida nesses espaços. As experiências vividas, as relações teórico-práticas, a pluralidade de saberes, a leitura e a reflexão sobre os clássicos do pensa-

mento pedagógico são alguns dos pontos que esperamos que possa experimentar quem passa por um processo de formação, mas a realidade mostra que é bem diferente. Há lacunas enormes entre o que esperamos da formação do professor e a forma como ela ocorre e esse fato fica evidenciado pelas práticas pedagógicas desenvolvidas em nossas escolas.

As representações a respeito da profissão docente são construídas num entrelaçamento entre o como quem escolhe a profissão a vê, do que os outros falam a respeito da mesma (seus familiares, amigos, meios de comunicação) e as experiências vividas enquanto aluno e agora como professor. Elas são permanentemente reelaboradas e reconstruídas. Em síntese, podemos destacar que a imagem que temos de nós mesmos e de nossa profissão vem muito daquilo que seus membros são, do que fazem e da exteriorização de seus valores. O momento é de reflexão nos cursos de formação, de conscientização por parte dos integrantes da corporação e de ação com políticas públicas eficazes na direção da constituição de um pensar e um fazer que possam redefinir nossas práticas e representações sobre a profissão docente.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicolas. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998.
- ALVES, Nilda. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente do que conhecemos até agora. In: COSTA, Marisa (Org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CORAZZA, Sandra M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- DEMO, P. *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FERREIRA, Rodolfo. Magistério, mídia e imagem: o jogo das expectativas. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.). *Imagens de professor: significações do trabalho docente*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

MORÉS, Andréia. Os saberes docentes frente à complexidade do processo educativo. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.). *Imagens de professor: significações do trabalho docente*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

NOGARO, Ivania. *Ser professor: as concepções dos professores que atuam nas séries*. Erechim, RS: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2006. (Monografia de Pós-Graduação em Orientação Educacional e Supervisão Escolar).

PINTO, Maria das Graças Gonçalves. Docência e gênero: histórias que ficam. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.). *Imagens de professor: significações do trabalho docente*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes & formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ZABALZA, M. *O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

Recebido em: 4/10/2007

Aceito em: 31/10/2007